

SINFONIA
do
FRACASSO

P. R. CUNHA

SINFONIA
do
FRACASSO



Copyright © 2023 por P. R. Cunha

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Preparo de originais: Gabrielle Antunes

Revisão: Lilian Ferraz

Diagramação: Danielle V. Cardoso

Capa:

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

C972s

Cunha, P. R.

Sinfonia do fracasso / P. R. Cunha. – Rio de Janeiro: Ases da Literatura, 2023.

132 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-54283-43-4

1. Ficção. 2. Literatura brasileira. I. Cunha, P. R. II. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático

I. Ficção : Literatura brasileira

Todos os direitos reservados, no Brasil, países da Europa e Estados Unidos, por Editora Ases da Literatura
www.asesdaliteratura.pt

Esta obra foi escrita numa curiosa mistura *português-do-Brasil-português-de-Portugal*. A título de originalidade, decidiu-se mantê-la como está.

Para J. – minha luz

*Onde vossa canção fala de descenso, baixeza, profundeza,
inferno e coisas assim, deveis fazer vossa música descer.*

Thomas Morley

Depois de quase um milhão de anos de penosas batalhas, o fóton finalmente consegue escapar das garras gravitacionais do Sol, esta estrela anã amarela classe G doadora de vida e ao mesmo tempo tão hostil, destrutiva, imprevisível. Agora, a partícula de energia luminosa avança para o planeta Terra à velocidade da luz — 299.792.458 metros por segundo, números devidamente averiguados pela ciência. A jornada através do vazio cósmico dura cerca de oito minutos: o fóton ultrapassa a exosfera, daí a termosfera, mesosfera, estratosfera, troposfera, e eis que surge o bairro, a rua onde toda a gente se conhece, onde as pessoas gostam de fazer especulações não baseadas em factos concretos a respeito dos outros, mas onde ninguém chega a se meter propriamente nos segredos particulares de ninguém; eis que surge uma casa. Quem a vê assim, prontinha e impecável, mal consegue imaginar os dissabores da instalação dos canos de água, de esgoto, canos do gás, da eletricidade. Basicamente, instalações dos chamados elementos indispensáveis da vida moderna, os esforços que foram despendidos para deixá-la com esta arquitetura discreta, harmoniosa, a lembrar uma cabana rústica com telhado à francesa. A varanda não é lá muito grande, isto é verdade, mas oferece vistas honestas, pode-se admirar ali a tranquila alvorada das manhãs de outono, as árvores que adornam o distrito, os vizinhos a caminhar com os respectivos caninos de estimação enquanto crianças brincam de bola nas calçadas. Numa palavra: casa de elegância ligeiramente suburbana, limpa, o jardim ainda húmido depois da madrugada com temperaturas amenas. O fóton sobrevoa tudo isso, passa pela janela da casa, atravessa a brecha da cortina e atinge a pálpebra de Jonas Moretti, que acorda antes de o despertador tocar.

1.

Jonas fica olhando para o tecto branco do quarto, para os fractais produzidos pela luz matinal, conjuntos de Mandelbrot. Entrelaça as mãos atrás da cabeça, perto da nuca. Pergunta a si próprio se realmente acordou. Está tudo calmo, silencioso. Vira-se e vê a esposa. A esposa parece uma grande pedra de gelo, rígida, um glaciar. A esposa não se move. O colchão em que estão deitados cria um pequeno cânion, uma espécie de sepultura, principalmente na parte em que a esposa está deitada. Jonas tenta cutucá-la. É um pouco desagradável tocá-la. Cheira-lhe a qualquer coisa estragada. Nota que algumas moscas começam a sobrevoar o corpo da esposa. São moscas estranhas, gordas, algumas são verdes. Jonas fica com vontade de vomitar. Levanta-se. Abre a janela e um frio de morte invade o quarto. Vai até à casa de banho. Lava o rosto com indiferença. Escova os dentes. De vez em quando olha para a esposa. Ela não se move. Jonas coloca a tampa para baixo e senta-se na latrina. Depois, limpa-se. Pressiona a descarga. Agora devo tomar um duche, ele diz para ela. Tomar um duche rápido, a conta de água veio alta, Jonas diz,

precisamos de economizar, percebes? Ele toma um duche rápido. Quente. O vapor embaça o espelho. Jonas utiliza o dorso da mão direita para desembaçar a superfície lisa do espelho. A esposa não se move. Jonas se embrulha numa toalha e tenta espantar as moscas que sobrevoam o corpo da esposa. As moscas se assustam com os movimentos bruscos das mãos dele, afastam-se, mas logo depois retornam, embriagadas pela podridão. Jonas abre o armário e enquanto se veste diz para a esposa: vou resolver tudo, Ângela, podes ficar sossegada, vou resolver tudo. A esposa não se move. Jonas fecha a janela e repete: vou resolver tudo, prometo. Pega no telemóvel em cima da mesa-de-cabeceira e tira ainda algumas fotos do corpo da esposa embrulhado pelo edredão, *só por garantia*. Ele sai do quarto, tranca a porta dando duas voltas à chave. Depois tenta abrir a maçaneta, à guisa de averiguar se a porta está realmente trancada. Para, respira fundo, levanta os ombros enquanto respira fundo — técnicas que aprendera nas aulas de yoga. Vou resolver tudo, ele grita, do lado de fora. Dá batidinhas na porta como se tentasse reproduzir a introdução da *Sinfonia n.º 5* de Ludwig van Beethoven.

Desce as escadas e avança até à cozinha. Liga a televisão. O noticiário conta sobre a queda de aeronave, um monomotor modelo Piper Malibu dentro do qual viajava um futebolista argentino, conta sobre o assassinato de três jovens que passeavam à noite, conta sobre as crises económicas, sobre acidentes rodoviários diversos, florestas a arder, aumento da criminalidade nos subúrbios, evasão escolar de miúdos, tiroteios, o noticiário comenta sobre a corrupção entre os polícias, a imprevisibilidade da diplomacia internacional, o noticiário entrevista um filósofo português que cita Marco Aurélio, o imperador romano que certa vez escrevera que cada um de nós vive apenas no presente, neste momento fugaz, filósofo português que depois compara a vida a uma corrida de cavalos, a vida é uma corrida de cavalos, diz o filósofo português,

é uma vida de cavalos loucos, insiste o filósofo português, hão de chegar a esta conclusão mais cedo ou mais tarde. Jonas prepara para si uma sanduíche de fiambre e queijo, faz barulhinhos tipo: *uhmn, humn* — enquanto brinca distraidamente com o açucareiro e escuta o que se diz no noticiário. Toma o pequeno-almoço, desliza a mão sobre a superfície da mesa em busca de imperfeições na madeira. Nenhuma farpa. Madeira perfeita, ele diz consigo mesmo. Leva a chávena de café aos lábios, o líquido quente queima-lhe um pouco a língua. Nenhuma farpa, ele repete.

A madeira mostra-se perfeita, mas Jonas está a sentir um pequeno desconforto interior. O noticiário sem dúvida perturba-o. Ele precisa de se levantar. Ele se levanta, o sangue como que se distribui pelo corpo. Ele se levanta e agora uma sensação agradável de súbito o invade. É ridículo deixar que o noticiário me perturbe, Jonas pensa, que a superfície da mesa me perturbe, que qualquer tipo de miudeza me perturbe. Lembra-se novamente das aulas de yoga: *awareness*, respirar, relaxar, manter a consciência arejada. Resolvarei tudo, ele diz para a cadeira vazia como se vocalizasse um mantra, resolvarei tudo, tenho uma coisa a fazer e continuarei a fazê-la até chegar ao fim.

Jonas desliga a televisão e pega a chave da motorizada. Entra na garagem, coloca a jaqueta de couro que está sobre o banco da motorizada, coloca também o capacete, monta na motorizada, põe as mãos no guiador, gira a chave, mas não chega a ligar propriamente a motorizada. Desiste de sair com a motorizada. Livra-se do capacete e da jaqueta de couro preta à James Dean. Volta para a cozinha e pega a chave do automóvel. Entra dentro do *Volkswagen*, faz funcionar o motor do *Volkswagen*. O motor solta um grande barulho enquanto Jonas pisa no pedal do acelerador. Ele aperta o controle remoto para abrir o portão da garagem e percebe pelo enquadramento do espelho retrovisor que o vizinho está a aparar a grama. O sorridente vizinho veste agasalho quadriculado, agasalho xadrez, portanto, qua-

dradinhos vermelhos e pretos, como se vivesse para o Texas ou coisa parecida. A roupa do vizinho enfurece Jonas, que desliga o motor do automóvel, fecha o portão da garagem e volta para a cozinha, onde deixa a chave do *Volkswagen* juntamente com a chave da motorizada. Aquela dupla — chave do automóvel, chave da motorizada — agrada-lhe imenso. Não quer dirigir. Decide ir de Uber. Jonas procura o telemóvel no bolso das calças e chama um Uber. Alguns carros passam na rua com um murmúrio constante.

Apetece ao Jonas esperar o Uber lá fora. Quando abre a porta de casa encontra a diarista. A risonha diarista diz «bons-dias, senhor Jonas». Ele coça as têmporas, gira 360°, tira dinheiros da carteira e diz: hoje não precisaremos mais de si, Miranda. Ela não entende. Jonas coloca os dinheiros na mão da diarista, age como se fosse um presbítero ortodoxo, repete pausadamente: não, precisaremos, mais, de si, Miranda. A diarista segura de forma desconfiada as cédulas e logo as coloca na bolsa. Jonas repara que há uma nódoa roxa no braço dela, perto do cotovelo esquerdo. Ele se aproxima da diarista e tenta segurá-la pela cintura. Mas antes de conseguir tocá-la, a diarista, que não percebera a aproximação de Jonas, vira-se e vai-se embora sem olhar para trás.

Jonas averigua na *app* do telemóvel se o Uber está a chegar. Depois volta as atenções para o vizinho com roupa quadriculada que apara a grama com muita aptidão. O barulho da navalha a cortar a grama. Jonas tem a certeza de que o vizinho está a fazer esse barulho de propósito, só para tirá-lo do sério.

O Uber estaciona, Jonas entra e o motorista confirma o endereço com ele. Jonas diz: exatamente, o endereço está correcto. O motorista digita alguma coisa no ecrã do GPS e tenta puxar conversa. O motorista diz qualquer coisa idiota do tipo: uma hora chove, depois vem este sol terrível, depois chove novamente, chuva, sol, sol, chuva... O motorista balança a cabeça enquanto diz chuva, sol, sol,

chuva e com as mãos fechadas acerta o aro emborrachado do volante: não consigo compreender o tempo deste lugar, não consigo mesmo, já desisti. No rádio toca um electro-pop italiano à moda 1980.

Quando chegam ao local combinado, Jonas sai do carro e garante ao motorista que vai dar-lhe as cinco estrelinhas. O motorista agradece encarecidamente, o carro se afasta e Jonas não dá as cinco estrelinhas, nem sequer tira o telemóvel do bolso para dar as cinco estrelinhas. Ele caminha na berma. Logo adiante há uma escada de madeira, escada de pintor. Jonas não é supersticioso, mas também não gosta de abusar da sorte, ao que ele desvia da escada, não passa embaixo da escada de pintor. Ele observa a movimentação matutina da cidade. Colocam para a vitrina de uma padaria alguns pacotes de pães com os preços. Na loja ao lado da padaria, duas raparigas repousam os braços na balaustrada enquanto bebem o chá. Um rapaz a vender ninharias esbarra em Jonas sem pedir desculpa. Um escolar com a mochila às costas passa por ele com os auscultadores aos ouvidos, escutando o hip-hop. Uma mulher lava a calçada enquanto o filho chora ao lado. Um autocarro buzina e solta fumaça. Jonas entra num prédio.

O porteiro não reconhece Jonas e pergunta aonde ele vai. Jonas diz que é proprietário, que tem as chaves. Jonas sacode as chaves, tilinta no ar um molho de chaves. O porteiro desconfia, mas o deixa ir mesmo assim. Dois funcionários à volta dos quarenta também entram no prédio. Estão a carregar uma poltrona. A julgar pelo uniforme, pelo cartão de identificação grudado no tecido do uniforme, eles trabalham para uma empresa chamada Mudança-Rápida. Os dois funcionários tentam subir com o móvel pela escada, que possui corredores estreitos. Jonas olha para os corredores estreitos, depois olha para a poltrona, para as dimensões da poltrona e julga a empreitada impossível. Não vai passar, ele diz, corredor muito estreito, não vai passar. Os dois homens não lhe dão ouvidos.

Jonas agora sente-se atordoado pelos barulhos produzidos pelo elevador: tração, quadro de comando, limitadores de velocidades, o atrito dos cabeamentos, todos os mecanismos que fazem a cabina funcionar, subir-e-descer. Esquecera-se do tanto que essas geringonças modernas são barulhentas. Ele entra no elevador como se entrasse na antecâmara do próprio diabo. Antes de pressionar o botão «3», estica a cabeça para fora da cabina, observa uma vez mais os funcionários da Mudança-Rápida carregando a poltrona, os dois desaparecendo no negrume da escada.

Jonas sai do elevador e abre a porta do apartamento, limpa a sola dos sapatos num capacho antiderrapante com formato de clave de sol. Escuta o barulho de pegadas no tecto, marteladas no tecto. Sente tonturas. Levanta as persianas, debruça-se na janela e olha lá para baixo, para a avenida movimentada. Dois curiosos estão a vagar sem rumo, impiedosamente expostos ao brilho de um calor escaldante: uma mulher vestida de preto e um homem de fato azul e chapéu. Estão lado a lado, muito próximos, mas não chegam a se tocar. O homem olha para um mapa. A cabeça da mulher está levemente inclinada, parece querer espiar de forma discreta o que é que o homem tanto procura no mapa. Paira uma gélida intimidade entre os dois, Jonas pensa. Eles não se olham, não conversam. O homem levanta e move a cabeça de forma aleatória, direciona a cabeça para as janelas dos apartamentos. Por alguns segundos, os olhos do homem fixam a janela de Jonas, que se dá conta de que a sua respiração começa a se dissipar para a superfície lisa do vidro. A respiração dele produz um nevoeiro sem forma definida.

Assustado com aquele olhar, Jonas se afasta da janela, tropeça numa pilha de pastas e arquivos. Ele grita *ai!*, sente dores agudas no quinto metatarso, no osso articulado com as falanges do dedo mínimo do pé direito. O pequeno apartamento está entulhado de papéis, partituras, livros, encadernações, instrumentos musicais, sapatos, sandálias, roupas sujas espalhadas para todos os cantos. Jonas

se senta à escrivaninha, tira uma caneta azul do estojo, balança a caneta, morde a tampa da caneta, mas não consegue se concentrar, não consegue pensar em nada. Levanta, abre o frigorífico, serve um copinho de *Baileys Irish Cream* para si. Ainda em pé, analisa o aspecto do apartamento, como se fosse a primeira vez, como se não o reconhecesse, como se fosse o apartamento de um estranho: mobiliário pouco sumptuoso, estantes em mau estado, as paredes com tinta barata, um único quadro pregado na superfície dessas paredes, um quadro de natureza-morta com moldura repleta de arabescos amarelos, à laia de imitar a cor do ouro. Jonas segura o copo de *Baileys Irish Cream*, balança o copinho de licor sem bebê-lo.

O telefone toca. De início, Jonas pensa que é o próprio telemóvel. Tira o telemóvel do bolso, ninguém a chamar. Lembra que ainda tem telefone analógico no apartamento, vai até ele e tira-o do gancho. Alô, ele diz. Ninguém responde do outro lado da linha. Alô, ele diz, desta vez com mais ênfase, com veemência, como se fizesse uma sórdida ameaça. Ninguém responde do outro lado da linha. Jonas joga o telefone no chão. Apetece-lhe ceder ao cansaço, fechar os olhos, deixar-se levar pela necessidade de dormir. Deita-se sobre o tapete com motivos piramidais inspirados na série *Twin Peaks*.

Ao acordar, Jonas olha para o relógio de pulso e se dá conta de que dormira durante meros treze minutos.

A cabeça dói. O copinho de *Baileys Irish Cream* mostra-se esquecido sobre o braço do sofá, ainda cheio. Ele entorna o licor num só gole. Depois senta-se ao piano, que tem a tampa levantada, dedilha a *Sinfonia No. 40 em Sol Menor* de Mozart, mas logo percebe que também é inútil permanecer sentado ao piano. Precisa de sair, respirar ar puro, como se diz.